

Entrevista

Metáforas, narrativas e proliferação de espécies midiáticas durante a pandemia de 2020

Entrevista com Carlos Scolari

As metáforas, narrativas e formas de interpretar a crise de saúde do Covid-19 são apresentadas pelo entrevistado, Carlos A. Scolari, a fim de problematizar questões relacionadas à pandemia, à mídia e às tensões e desafios gerados no âmbito da pesquisa social. Scolari, usa o conceito de semiose social de Eliseu Verón para relacionar como o confinamento exasperou o funcionamento do circuito de produção-circulação-interpretação de informações, incluindo aí as notícias falsas. Além disso, explica que temos uma enciclopédia mental e cultural (Eco, 1979), frequentemente baseada na ficção e na cultura popular, que usamos em situações de pandemia, contágio e confinamento.

O professor pesquisador faz parte do Departamento de Comunicação da Universitat Pompeu Fabra - Barcelona. Seu livro mais recente é “Media Evolution: Sobre el origen de las especies mediáticas” (Buenos Aires: La Marca, 2019). Além deste volume, possui mais de quinze livros dedicados às novas teorias da comunicação, ecologia dos meios de comunicação, interfaces, novas alfabetizações midiáticas e narrativas transmídia. No grupo de pesquisa MEDIUM, Scolari desenvolve sua atividade científica e compartilha conversas muito enriquecedoras sobre novas mídias e práticas educacionais, o estudo de plataformas e, mais recentemente, sobre a crise gerada pelo COVID-19. Ele sempre diz que, para ser um bom pesquisador, é preciso dominar todos os formatos de texto, desde saber como twittar até publicar um artigo em uma revista acadêmica. Durante a quarentena, seu blog incorporou uma série de autores convidados para contribuir com suas próprias análises e reflexões.

Fernanda Pires: No seu blog Hipermediaciones.com, você escreveu sobre a pandemia e também convidou algumas pessoas para escrever sobre esse tópico. Por que você decidiu abrir o blog para outros autores?



Fernanda Pires¹

¹ Professora e pesquisadora pós-doutoral no grupo de pesquisa MEDIUM do Departamento de Comunicação da Universitat Pompeu Fabra-Barcelona. É doutora em Sociedade da Informação e do Conhecimento pela Universitat Oberta de Catalunya.

CAS: Tento escrever um ou dois textos no *Hipermediaciones* todos os meses. No início da pandemia, em março, publiquei dois posts. Em um deles - “Coronavírus, epidemias e interfaces” - propus-me a refletir sobre como a crise do COVID-19 poderia ser analisada com base nos conceitos de “interface” e “*assemblage*”, este último seguindo a linha de trabalho de **Manuel de Landa** (2006). Nesse contexto, recuperei o conceito de “*epidemic assemblage*” (conjunto epidêmico) proposto por **Nick Fox**. De acordo com Fox (2020, parágrafo 3), “*COVID-19 is just one part of a broad assemblage of human and non-human elements that have established the conditions for diseases to pass rapidly throughout our species*” (COVID-19 é apenas uma parte de um conjunto de elementos humanos e não humanos que estabelecem as condições para espalhar doenças rapidamente entre espécies).

Essa ideia está muito próxima da minha de “interface” entendida como uma rede de atores. Outro convidado para esse debate intertextual foi **André Lemos** (2020), que publicou um artigo chamado “A construção do novo coronavírus”. Na minha perspectiva, o COVID-19 é um ator, talvez o menor, mas, entretanto, o mais perturbador de um emaranhado sócio-tecnológico complexo, envolvendo médicos, pacientes, enfermeiros, hospitais, laboratórios, estados, parlamentos, aeroportos, polícia, políticos, microscópios, máscaras e aplicativos móveis projetados para identificar possíveis pessoas infectadas ao nosso redor. Por isso, o post “Coronavírus, epidemias e interfaces” termina com um aviso sobre os próximos tempos: “em breve estaremos mais próximos de um período pós-guerra em que as interfaces antigas sucumbirão e, em muitos casos, explodirão. Nascerão novas *assemblages* de atores, apoiadas por novas narrativas e com a urgência de gerenciar uma série de questões - como a emergência climática - que hoje desapareceram de nossas conversas mas, como o dinossauro de Monterroso, ainda seguirão por aí”.

O outro post que publiquei em meados de março foi dedicado ao que defini como “*ficción claustrofóbica*”, isto é, romances, filmes, contos, videogames e quadrinhos que relataram situações de confinamento e resistência em espaços fechados. Muitas obras podem ser atribuídas à ficção claustrofóbica, de longas-metragens como *Cloverfield 10* ou *28 Days*, a videogames como *Outlast*, passando por romances como *Los Huérfanos* de Jorge Carrión, *Rabia* de Sergio Bizzio ou *The Poison Belt* de Arthur Conan Doyle. Também em quadrinhos, como *El Eternauta*, são relatadas situações de resistência à invasão de um agente externo.

Já em abril, após essas duas postagens no blog, houve uma explosão de artigos, entrevistas e textos e até um livro de distribuição gratuito publicado na Argentina chamado “*Sopa Wuhan*” que inclui contribuições de um grande grupo de filósofos, referências nas ciências sociais. Tive a impressão que uma explosão de discursos de todos os tipos estava ocorrendo para tentar

entender o que estava acontecendo: um terço da população mundial estava trancada em suas casas. O fato de tantos intelectuais fazerem previsões sobre como seria o mundo pós-COVID-19 me incomodou. Suas previsões variavam entre aqueles que previam o fim do capitalismo e os que estavam certos sobre uma mudança na relação do homo sapiens com a natureza. Achei ridículo ver pessoas supostamente muito inteligentes fazendo esse tipo de previsão no meio da crise. Era como se cada um estivesse projetando seus desejos e fantasmas durante a pandemia.

Nesse contexto, logo cheguei a uma situação de saturação, algo como “*stop making sense*” (pare de fazer sentido), então convidei vários colegas que, normalmente se expressam nas redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram), mas que, não publicam em formatos mais extensos como o de um blog, para dar suas opiniões. A chamada foi bem-sucedida e, assim, nasceu uma série de textos de “autores convidados”, com a participação de colegas da França, Argentina, Brasil e Espanha.

No final de abril, publiquei no Hipermediaciones um texto curto - “En busca del relato perdido”, onde reflito sobre essa demanda por histórias sobre COVID-19 e a necessidade do Homo sapiens contar histórias para dar sentido ao mundo caótico ao nosso redor.

Fernanda Pires: De fato, desde o início da quarentena, lemos muitos cientistas sociais (incluindo comunicadores) fazendo previsões sobre o chamado “novo normal”. A incerteza é um pouco difícil de gerenciar. Durante a pandemia, ficou ainda mais evidente que a maioria das pessoas está procurando respostas inequívocas, como o que acontecerá? Quais medicamentos funcionam? A vacina chegará em breve? Voltaremos ao normal? Você acha que essa necessidade de uma resposta assertiva e a explosão textual de previsões futuristas podem acentuar fenômenos, já conhecidos, como propagação de notícias falsas?

CAS: Precisamente naquele último post que mencionei anteriormente, resolvi esta questão. Os homo sapiens, como demonstraram pesquisadores como **Jerome Bruner** ou **Daniel Kahneman**, nós entendemos o mundo através de esquemas narrativos. Precisamos contar a nós mesmos histórias para lidar com o caos ao nosso redor. Em um momento de tanta incerteza, era lógico que essa demanda por histórias crescesse exponencialmente. Por outro lado, assim como o coronavírus, que nada mais é do que um punhado de genes e proteínas, cruzou em poucos dias da China para o coração da Europa, as informações também estão circulando em escala global. Não devemos esquecer que a palavra “meme” é precisamente um “gene cultural” que obedece à mesma lógica de circulação, reprodução e mutação. Agora, se adicionarmos a necessidade narrativa de que o homo sapiens precisa para entender o que acontece com a existência de uma infraestrutura global, onde a informação circula rapidamente,

temos o terreno ideal para a proliferação de todos os tipos de textos. Em outras palavras, assim como o COVID-19 gosta de um evento massivo, como um jogo de futebol ou um festival de música com milhares de pessoas, os vírus de texto circulam livremente nas redes digitais. Não é de se surpreender que, entre tantas narrativas e textos, notícias falsas também circulem como fragmentos enlouquecidos.

Fernanda Pires: No início de uma pandemia, vimos pessoas acumulando alimentos em todo o mundo, seguindo um modelo catastrófico digno de um filme de Hollywood. Pouco a pouco a situação foi se normalizando ... Essas ações desesperadas me fazem pensar na noção de “enciclopédia” de Umberto Eco (1979), ou seja, de forma simples, temos uma grande variedade de conhecimentos culturais armazenados que nos ajudam a interpretar os textos. Como você vê a importância de narrativas populares, filmes e produtos para interpretar essa situação?

CAS: Estou totalmente de acordo. Nossa enciclopédia mental de situações de pandemia, contágios e confinamentos geralmente vem da ficção. Há apenas uma memória muito fraca das grandes epidemias do século XX (gripe espanhola, poliomielite, cólera); A memória coletiva recente nos leva à AIDS, uma epidemia altamente seletiva que se tornou feroz em certos grupos sociais e, nas últimas décadas, na experiência do ebola ou de outros coronavírus. Em todos esses casos, o contágio foi algo que aconteceu “com os outros”. O que está acontecendo agora é diferente. Já tínhamos visto imagens de famílias trancadas ou cidades desabitadas, onde os animais começam a se apropriar do território em longas-metragens como, “Eu sou a lenda” ou “24 dias”. Este é um exemplo muito claro de como as narrativas, neste caso a ficção, nos ajudam a processar novas situações e dar sentido ao que está acontecendo. Situações delirantes - como a de um americano que vai direto ao arsenal para comprar rifles e balas - já estavam presentes na narrativa, mesmo em obras de natureza anti-imperialista como *El Eternauta*, de **Héctor G. Oesterheld** e **Francisco Solano López**. Quando a tempestade de neve mortal piora sobre Buenos Aires, que nada mais era do que uma invasão alienígena, a primeira saída que Juan Salvo faz do lado de fora de sua casa, vestindo seu traje impermeável, é ... para um arsenal. Como Eco disse, esses “roteiros” mentais que compõem a “enciclopédia” servem para interpretar uma situação, mas também para enfrentar ações concretas.

Fernanda Pires: Como dissemos em um artigo recente (Pires, Masanet & Scolari, 2019, p. 4), as metáforas são muito úteis para entender novas experiências que, de outra forma, seriam quase impossíveis de interpretar; ao mesmo tempo, são úteis para gerar categorias, organizar processos e estabelecer oposições e hierarquias. O que você acha das metáforas que estão sendo usadas durante a crise do COVID-19? Você acha que outras metáforas seriam mais apropriadas?

CAS: No caso da Espanha, o governo liderado por **Pedro Sánchez** assumiu um grande compromisso com a metáfora da guerra ao administrar discursivamente, a “guerra ao coronavírus”. A adoção da metáfora da guerra envolve a identificação de “amigos” e “inimigos”, “traidores” e “aliados” e assume a responsabilidade de definir “estratégias” e “mobilizar” a sociedade. Cada metáfora é acompanhada por seu próprio dicionário! Essa militarização do discurso foi acompanhada pela presença de alto comando das forças armadas nas conferências de imprensa que aconteciam a cada meio-dia. Essa situação controversa durou todo o mês de abril. No final do mês, decidiu-se remover as forças armadas e realizar entrevistas coletivas apenas com políticos e cientistas. Foi uma aposta muito forte que outros líderes da Europa não fizeram. No caso da Alemanha, **Angela Merkel** optou por um registro muito mais pedagógico; Também na Argentina, o presidente **Alberto Fernández** destacou suas habilidades como professor, quando se dirige aos cidadãos - ele é professor de direito na Universidade de Buenos Aires. Pedro Sánchez, por outro lado, escolheu imitar **Winston Churchill**.

Outras metáforas eram possíveis, além do discurso bélico e pedagógico? Certamente. A metáfora da guerra pode ser conjugada em uma chave religiosa: nesse caso, teríamos a “cruzada contra o coronavírus” que vem do Oriente ... ou a pandemia como “punição divina”. Líderes que optaram por discursos grosseiros de Darwin, falando de “imunidade de rebanho”, como **Boris Johnson**, tiveram que se retirar para outro tipo de construção narrativa assim que, o COVID-19 começou a reivindicar suas primeiras vítimas.

Além do fato de gostarmos mais da metáfora da guerra, ela tem a vantagem de nos permitir modular discursivamente, o que vem depois do conflito: o “período pós-guerra”. A Europa tem uma memória histórica ainda viva dos anos do pós-guerra do século XX, em parte graças à ficção (por exemplo, o neorealismo italiano), então não me surpreenderia se a metáfora da guerra permanecesse conosco por muito, muito tempo.

Fernanda Pires: E a questão da produção em massa de texto pelos usuários nas redes sociais? Você conhece muito bem o trabalho de Eliseo Verón. Como você associaria esse fenômeno pandêmico ao conceito de semiose social?

CAS: Isso nos permite retomar o que mencionei anteriormente sobre notícias falsas. Poderíamos dizer que o confinamento exasperou o funcionamento do circuito de produção-circulação-interpretação, o que **Eliseo Verón** (2013) chamou precisamente de “rede de semiose social”. Se pensarmos em termos de metáfora mecânica, é como se o enredo da semiose social tivesse superaquecido: a máquina discursiva trabalha em um regime de revoluções, por segundo, mais alto que a média ... Para funcionar bem, os sistemas sociais, políticos ou econômicos exigem uma circulação discursiva regular, a meio caminho entre o silêncio e a produção textual descontrolada,

acompanhada de processos de superinterpretação conspiracionista que estamos experimentando atualmente. Em outras palavras, a produção de baixo sentido é tão ruim quanto a excessiva. Devemos retornar a um regime discursivo menos frenético se quisermos entender o que está acontecendo e quais ações devemos implementar.

Fernanda Pires: A distância social está sendo muito difícil para as pessoas que a respeitam. O que você acha desse boom de aplicativos e plataformas de videoconferência e de tantas lives nas redes sociais?

CAS: A distância social é e será um imperativo no “mundo real” ... enquanto nas redes estamos testemunhando um fenômeno inverso: um aumento nas trocas mediatizadas por plataformas. E é assim que a distância social acaba dobrando e nos reduzindo a uma série de micro-rostos compartilhando a mesma tela. Essa exacerbação da vida social e dos contatos nas redes não é exatamente algo novo para as novas gerações: é precisamente sua forma “natural” de se relacionar. De qualquer forma, o trauma é para adultos. Tenho a impressão que nessas semanas há um rito de passagem do mundo analógico para o mundo digital, por milhões de adultos. Se nos ritos tradicionais de passagem os adultos monitoravam os jovens, agora talvez seja o contrário, são os jovens que, em muitos casos, estão guiando essa entrada na vida digital por adultos que, não sabiam o que era o *home office* ou uma videoconferência. De qualquer forma, levaremos vários anos para investigar e entender o que aconteceu dentro das casas nessas semanas de quarentena.

Fernanda Pires: Parte de sua pesquisa atual se concentra no capitalismo de plataforma e nas maneiras de aprender nesse ambiente. Vimos durante a crise da saúde que certas empresas com formas precárias de trabalho, como as dos riders/entregadores (Uber Eats, Deliveroo, distribuidores Glovo, entre outras aplicações), continuaram com seu modelo de negócios, enquanto outras, como o Airbnb, perderam a funcionalidade já que o turismo ficou congelado. O que você acha dessa situação de trabalho precária nas plataformas? O que podemos aprender com isso?

CAS: Apresentamos um projeto de pesquisa para estudar como a força de trabalho dessas plataformas se forma. Se voltarmos no tempo, na década de 1960, Louis **Althusser** havia investigado a reprodução da força de trabalho capitalista nas instituições escolares. O sistema educacional, como explica Althusser (1984), treinou trabalhadores de todos os níveis (trabalhadores, técnicos, gerentes) e, além disso, incutiu neles uma série de valores em um contexto disciplinar. Agora, em nossa equipe, nos perguntamos: como a força de trabalho precária que sobrevive nas plataformas é formada no século XXI? A primeira resposta foi: nas mesmas plataformas! Detectamos canais ou perfis do YouTube em se explica a esses trabalhadores, muitos deles imigrantes, como se inserir e operar

nesse circuito de trabalho. Em nossa pesquisa, estamos interessados em aprofundar esses processos informais de ensino-aprendizagem, analisando os valores de seus discursos e práticas e, sem descuidar dos vieses de gênero que estão ocorrendo. Nesta investigação, colaboraremos com um sindicato espanhol. As organizações sindicais estão muito interessadas nessas questões. Sabiam muito bem como atuar em ambientes industriais, mas não é fácil para eles promover a organização dos trabalhadores em um circuito tão flexível e precário como, por exemplo, o dos *riders*.

Fernanda Pires: Desde que a crise do COVID-19 começou falamos sobre metodologias de pesquisa e a mudança para métodos blended (combinados) que serão usados em um futuro próximo (online + offline), você pode compartilhar sua opinião sobre isso?

CAS: Para os pesquisadores que fazem análises discursivas ou textuais, ou para aqueles que trabalham com *big data*, o confinamento não os impede de realizar seus estudos. Por outro lado, os grupos que aplicam métodos etnográficos tradicionais, desde a observação participante até a entrevista ou o trabalho com pequenos grupos, têm um grande problema sobre a mesa: como considerar uma investigação a longo prazo, se é muito provável que, conforme anunciado pelos epidemiologistas, teremos que passar por quarentenas periódicas nos próximos anos? No nosso caso, usamos metodologias diferentes, que vão da análise discursivo-textual ao trabalho de campo etnográfico, e geralmente, também extraímos dados das redes. Se tivéssemos que interromper a etnografia devido a uma nova quarentena, todo o processo de pesquisa diminuiria. Por outro lado, sabemos que existe uma etnografia digital ou online, que desenvolveu uma série de instrumentos que permite aos pesquisadores trabalharem a partir da atividade dos usuários, em redes e plataformas. É muito provável que, ao realizar um trabalho de campo etnográfico, tenhamos que estar preparados para mudar para métodos on-line de uma hora para outra. É por isso que MEDIUM, nosso grupo de pesquisa, estava falando sobre pensar em planos de contingência e começar a passar de forma mais fluida da etnografia tradicional para a etnografia online. Daí a ideia de uma etnografia *blended* (combinada).

Fernanda Pires: Finalmente, você costuma dizer que devemos explicar a pesquisa ou uma teoria em um tweet para nossos alunos e leitores. Se você tivesse que resumir a crise do coronavírus em um tweet, qual seria?

CAS: Muitos insistem que o mundo será muito diferente quando a pandemia passar. Outros argumentam que entraremos em um “novo normal” ... como se já tivéssemos vivido em um mundo “normal”. Tenho a impressão de que haverá muitas mudanças, mas não onde pensamos, elas se materializarão em lugares e situações que nem imaginamos hoje. Como reduzir essa ideia a um tweet? Pode ser algo assim: # COVID19 Bem-vind@s à nova anormalidade!

Referências

Althusser, L. (1984). *Ideologia y aparatos ideológicos de Estado*. Buenos Aires: Nueva Visión.

de Landa, M. (2006). *A New Philosophy of Society: Assemblage Theory and Social Complexity*. Nueva York: Bloomsbury.

Eco, U. (1979). *Lector in fabula*. Milán: Bompiani. Cancela el otro.

Lemos, A. (2020). A construção do novo coronavírus. *Correio 24 horas*. Recuperado de <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-construcao-do-novo-coronavirus/>

Fox, N. J. (2020). Money, markets and trade caused coronavirus pandemic. *Sociology Lens*. Recuperado de <https://www.sociologylens.net/topics/political-economic-sociology/money-markets-trade-caused-coronavirus-pandemic/29787>

Pires, F., Masanet, M-J. e Scolari, C. (2019). What are teens doing with YouTube? Practices, uses and metaphors of the most popular audio-visual platform. *Information, Communication & Society*, Online, 1-17. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2019.1672766>

Scolari, C. A. (2019). *Media Evolution: Sobre el origen de las especies mediáticas*. Buenos Aires: La Marca.

Scolari, C. A. (2020). Coronavirus, epidemias e interfaces. *Hipermediaciones*. Recuperado de https://hipermediaciones.com/2020/03/15/coronavirus_epidemias_interfaces/

Scolari, c. A. (2020a). La ficción claustrofóbica. *Hipermediaciones*. Recuperado de https://hipermediaciones.com/2020/03/18/ficcion_claustrofobica/

Scolari, C. A. (2020b). En búsqueda del relato perdido. *Hipermediaciones* Recuperado de https://hipermediaciones.com/2020/04/22/relato_perdido/

Verón, E. (2013). *La Semiosis Social, 2. Ideas, momentos, interpretantes*. Buenos Aires: Paidós.